



## **DESFILE DA PARAÍSO DO TUIUTI À LUZ DA ECOLOGIA SABERES<sup>1</sup>**

**Eliane Alves Vieira<sup>2</sup>**  
**Universidade Paulista, São Paulo, SP**

**Resumo:** Este artigo pretende propor uma reflexão sobre o desfile da escola de samba Paraíso do Tuiuti de 2018, tendo a escola de samba como espaço de resistência e contestação que trouxe como destaque “Vampiro Neoliberal” fazendo alusão ao presidente golpista do Brasil Michel Temer. Além disso, identificar o desfile como processo comunicacional, entender porque o desfile chamou tanto a atenção a ponto de promover tamanha repercussão mediática. Realizamos a descrição do desfile da escola de samba Paraíso do Tuiuti, situando período escravocrata no contexto político, econômico e social. O referencial teórico foi estruturado com base na obra Ecologia dos Saberes do sociólogo Boaventura de Souza Santos que possibilitou a atualização do contexto político, econômico e social na perspectiva do governo Michel Temer e as novas formas de exploração e escravidão na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Ecologia dos Saberes. Comunicação midiática. Mídia e Imaginário. Paraíso do Tuiuti.

**Abstract:** This article intends to propose a reflection on the parade of the samba school Paraíso do Tuiuti of 2018, with the samba school as a space of resistance and contestation that brought as a highlight the "Neoliberal Vampire", alluding to Brazilian coup president Michel Temer. In addition, to identify the parade as a communicational process, to understand why the parade drew attention so much that it promoted such media repercussion. We describe the parade of the Paraíso do Tuiuti samba school, situating a slave period in the political, economic and social context. The theoretical framework was structured based on the work Ecology of Knowledge of the sociologist Boaventura de Souza Santos that made possible the updating of the political, economic and social context in the perspective of the government Michel Temer and the new forms of exploitation and slavery in the contemporaneity.

**Keywords:** Ecology of Knowledge. Media communication. Media and Imaginary. Tuiuti's paradise.

### **Introdução**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo Ecologia Comunicativa Comunitária: no VI Congresso Internacional de Comunicação e Cultura-COMCULT

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação pela Universidade Paulista, e-mail:elivieira300@gmail.com  
**VI Congresso Internacional de Comunicação e Cultura – São Paulo – 2018**



A Escola de Samba Paraíso do Tuiuti, localizada região central da cidade do Rio de Janeiro no bairro de São Cristovão, foi fundada em 1954 após a junção da escola Paraíso das Baianas e o Bloco dos Brotinhos, agremiação traz em seu brasão as cores: azul e amarela herdada das antigas agremiações.

O desfile da Paraíso do Tuiuti de 2018, propôs uma reflexão referente aos 130 anos da abolição da escravatura no Brasil, o desfile apresentou um recorte histórico e cronológico desde as antigas civilizações da divisão do trabalho nas sociedades entre trabalhadores: livres, servos e escravos, a origem da escravidão.

Refletindo sobre os avanços alcançados pós abolição da escravatura, a escola levou para avenida um desfile de contestação e resistência contando a história do Brasil colonial todo desenvolvimento da escravidão e as consequências políticas econômicas e sociais diante das ações do atual governo (Michel Temer) como a reforma trabalhista.

Objetivo deste trabalho pretende refletir sobre o desfile da Paraíso do Tuíuti como processo comunicacional, analisar os motivos da repercussão midiática, diante do atual cenário político, econômico e social.

Como base de referencial teórico no campo do pensamento crítico foi utilizado Boaventura Souza Santos, na obra Epistemologia do Sul, o autor discute sobre o domínio dos modelos desenvolvimentistas que apoiado pelas ciências impactam negativamente na sociedade promovendo opressão, desigualdade e violência de grandes populações. Nesta obra Ecologia dos Saberes, o autor propõe o rompimento da monocultura e a valorização de outros saberes.

Como base metodológica, optamos pelo estudo de caso que viabiliza investigar um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto real, especialmente quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não estão evidentes.

O artigo foi organizado em três partes: a primeira descrição do desfile da escola Paraíso do Tuiuti; a segunda parte propõe uma síntese do contexto político, econômico e social, utilizando como referencial teórico autor Boaventura Souza Santos, e por fim a conclusão da análise sociocultural do objeto apresentado neste artigo.

## **Descrição do desfile da escola de samba Paraíso do Tuiuti**

Com o samba enredo “*Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão!*”, compositores: (Claudio Russo, Moacyr Luz, Dona Zezé, Jurandir e Aníbal), propôs uma reflexão aos 130 anos da abolição da escravatura no Brasil, data lembrada no dia 13 maio de 2018.

O Brasil foi o último país da América a abolir a escravidão, a resistência era mantida por interesses econômicos, pois o comércio de escravos de africanos era um dos pilares da economia do período colonial.

O samba enredo expressou as consequências herdadas do período escravocrata na contemporaneidade, as desigualdades econômicas e sociais, ainda tão presentes na sociedade brasileira.

Sob a direção do carnavalesco Jack Vasconcelos, a escola desfilou na madrugada do dia 12 de fevereiro de 2018, à meia noite e meia, entrou na Av. Marquês de Sapucaí com 3.100 componentes.

A comissão de frente levou um cativo para avenida, realizaram uma encenação teatral com catorze homens negros africanos, escravizados, acorrentados e amordaçados, sob o açoite do capataz, submetidos à dor, sofrimento e humilhação, na encenação, a divindade Preto Velho representando ancestralidade africana concede a cura e redenção, assim, os escravos são libertos das correntes e recebem a tão esperada “liberdade”.

Figura 1: Comissão de Frente

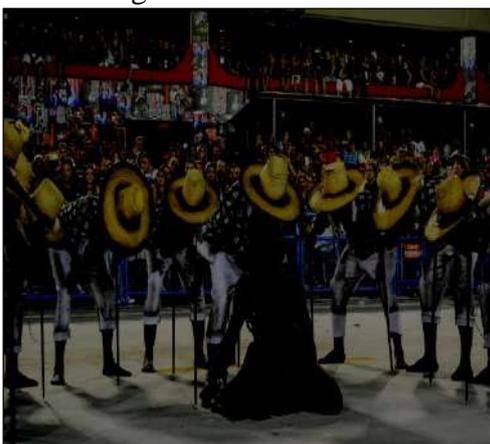
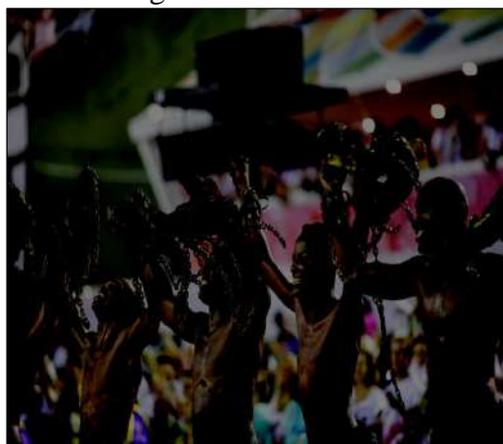


Figura 2: Comissão de Frente

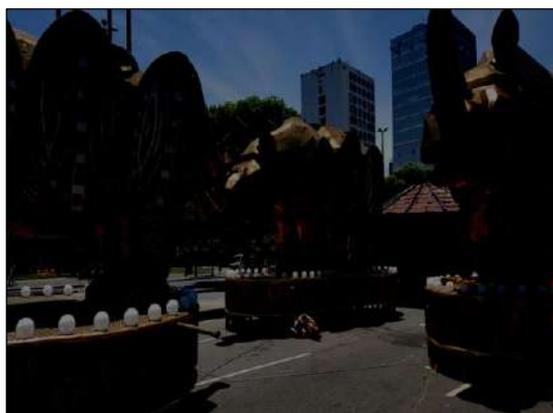


<sup>3</sup> Fonte: Jornalistas Livres - Twitter (2018)

<sup>3</sup> Disponível em < [https://twitter.com/J\\_LIVRES/status/963850637174886400](https://twitter.com/J_LIVRES/status/963850637174886400) > Acesso em 07 out. 2018

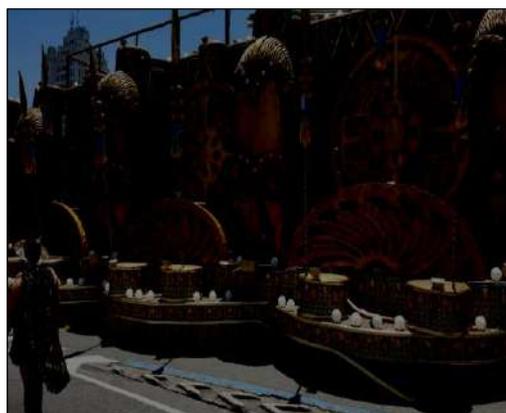
O primeiro carro alegórico nomeado “Quilombo<sup>4</sup>do Tuiuti” representou um grande quilombo na avenida trazendo uma singularidade da escola com o quilombo contemporâneo. Segundo o carnavalesco Jack Vasconcelos a estética dessa alegoria foi inspirada nas fortificações de tribos africanas, guardado por grandes rinocerontes que simbolizavam a força da África, cercado por máscaras tribais representando ancestralidade guerreira.

Figura 3: Quilombo do Tuiuti



<sup>5</sup>Fonte: Site Srzd (2018)

Figura 4: Alegoria Quilombo do Tuiuti



Fonte: Site Srzd (2018)

Ainda em relação às máscaras africanas, elemento de grande significado da cultura africana foi bastante explorada nas alegorias e fantasias do desfile. As máscaras eram utilizadas em rituais para comunicação com os deuses, devido seu teor mágico e religioso, também eram utilizadas para espantar os maus espíritos, não havia homogeneidade nos traços, pois cada sociedade africana possuía traços próprios, diferenciando-se umas das outras.

A segunda alegoria foi representada por um grupo de escravos mediterrâneos, cercados por sentinelas árabes com o grande Califa ao fundo. À frente, dois leões simbolizando o poder da realeza, guardavam as riquezas humanas e materiais, do Califado. Esse setor foi representado por seis alas: corvéia egípcia, cativo babilônico, serviçal grego, gladiador romano,

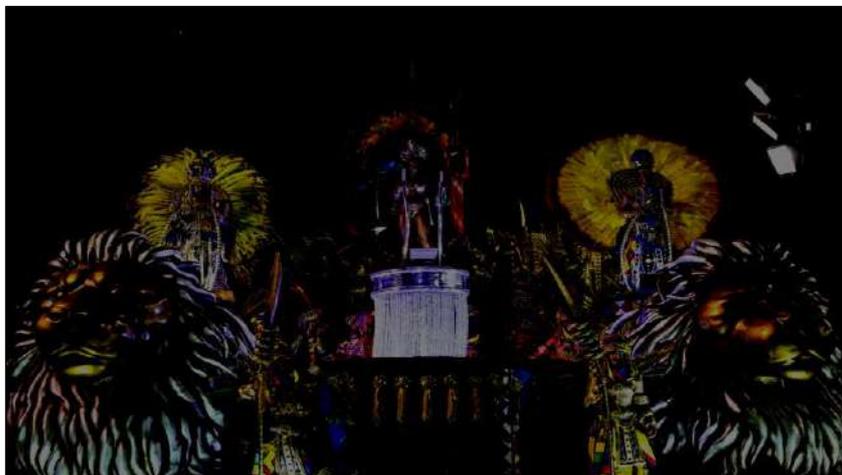
---

<sup>4</sup> Quilombo. Palavra de origem banto que, durante a escravidão no Brasil, significou ajuntamento de escravos fugidos. Existiram inúmeros quilombos durante o período escravista, sendo o mais famoso a República de Palmares que existiu durante o século XVII ou possivelmente no final do XVI (Alves Filho, 1988), na região que pertence hoje ao território do estado de Alagoas, mas que, no tempo de sua existência fazia parte da capitania de Pernambuco. É oportuno esclarecer que somente a partir do XVII é que o ajuntamento de negro fugido passou a ser denominado quilombo. Antes eram conhecidos por mucambos. Na história da escravidão no Brasil, os quilombos exerceram um importantíssimo papel de resistência e contribuíram para desgastar social e economicamente o sistema escravista, proporcionando a sua consequente substituição pelo trabalho livre.

<sup>5</sup> Disponível em <<http://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/paraiso-do-tuiuti-2018-fotos-carros-alegoricos/>> Acesso em 07 out. 2018

escravo eslavos, escravo árabe e pirata árabe todas as alas representaram os povos das antigas civilizações e as variadas formas de servidão que foram submetidos.

Figura 5: Alegoria Mercado de Gente



<sup>6</sup>Fonte: Site TV Mojuba (2018)

Assim o terceiro carro alegórico representou a silhueta de um navio negreiro, também conhecido como “tumbeiro” transportava negros africanos (reis, nobres, sacerdotes, guerreiros, artífices ou simples aldeões) para serem escravizados e comercializados nas colônias europeias.

A travessia era realizada em condições subumanas, degradantes, vinham acorrentados, amontoados como peças de mercadorias vítimas do grande mercado escravagista eram submetidos às precárias condições de higiene, muitos não resistiam à travessia e morriam.

Figura 6: Alegoria Navio Tumbeiro



<sup>7</sup> Fonte: Site Srzd (2018)

<sup>6</sup>Disponível em <<https://tvmojuba.net/2018/02/desfile-da-paraiso-do-tuiuti-veja-fotos/>> Acesso em 07 out. 2018

<sup>7</sup>Disponível em <<http://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/paraiso-do-tuiuti-2018-fotos-carros-alegoricos/>> Acesso em 07 out. 2018

O quarto carro alegórico chamado de “ouro negro” desenhou o cenário do cotidiano da escravidão no Brasil colonial com murais reproduzindo algumas pinturas de Debret<sup>8</sup>, banhada pelos tons dourados da riqueza barroca brasileira. A alegoria apresentou referências entre culturas dos festejos aos padroeiros de irmandades religiosas negras como as congadas à festa de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e sincretismos míticos na divindade do “preto velho”.

Neste setor seis alas representaram todo desenvolvimento da escravidão no Brasil sendo as seguintes: escravos nos canaviais, escravos nos cafezais, escravos com ouro e diamantes, escravos na faiscação, escravos nas minas e escravos de ganho.

Figura 7: Alegoria Ouro Negro



<sup>9</sup>Fonte: Site Srzd (2018)

Um tripé com a Lei Áurea de 13 de maio de 1888, na qual se abolia totalmente a escravidão no Brasil, representou a quinta alegoria, o avanço da industrialização e a pressão internacional interromperam o ciclo escravocrata no Brasil.

Cinco alas representaram às lutas em prol a abolição da escravatura no Brasil são elas: abolicionista homenageou alguns dos principais nomes dessa luta; “o homem de cor”

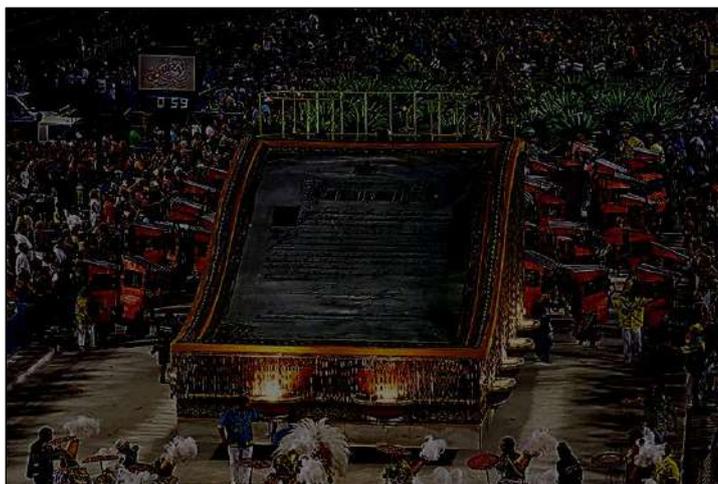
---

<sup>8</sup> Jean-Baptiste Debret foi um importante artista plástico (pintor e desenhista) francês. Nasceu em 18 de abril de 1768, em Paris, e faleceu na mesma cidade em 28 de junho de 1848. Debret integrou a Missão Artística Francesa que chegou ao Brasil em 26 de março de 1816. Suas obras formam um importante acervo para o estudo da história e cultura brasileira da primeira metade do século XIX. - Debret é considerado um artista cujas obras se enquadram no estilo romântico. Porém, alguns estudiosos de artes plásticas, consideram Debret como um pintor do neoclassicismo.

<sup>9</sup>Disponível em <<http://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/paraiso-do-tuiuti-2018-fotos-carros-alegoricos/>> Acesso em 07 out. 2018

representando o primeiro jornal da imprensa negra no Brasil; “as camélias do leblon” representam as camélias que ajudaram escravos fugitivos e “damas de ferro”.

Figura 8: Tripé Lei Áurea



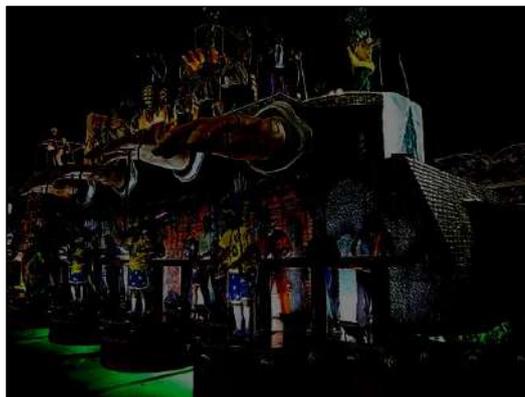
<sup>10</sup>Fonte: Site Liga Independente das Escolas de Samba - RJ (2018)

A sexta alegoria um navio neo-tumbeiro a proposta e atualizar as condições econômicas, política e social, a alegoria foi dividida em duas partes: na parte superior a classe dominante aliada aos políticos e setor econômico, na parte inferior a classe trabalhadora manipulada pela classe dominante os “manifantoches” batendo suas panelas, na parte traseira do carro uma gigantesca carteira de trabalho contestando aprovação da reforma trabalhista e as perdas dos direitos dos trabalhadores.

---

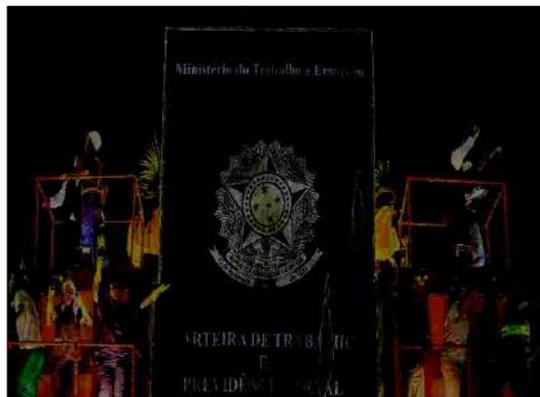
<sup>10</sup>. Disponível em <<http://liesa.globo.com/2018/por/AoVivo/2018/paraiso.html>> Acesso em 07 out. 2018

Figura 9: Alegoria Neo-Tumbeiro



<sup>11</sup>Fonte: Site Uol (2018)

Figura 10: Alegoria Neo-Tumbeiro



Fonte: Site Uol (2018)

A última alegoria apresentou o navio *neo-tumbeiro*, seu principal destaque um Vampiro Neoliberal, com faixa presidencial, fazendo uma alusão ao presidente Michel Temer, envolvido em denúncias de corrupção, com 87% de desaprovação, conduzindo medidas impopulares como a reforma trabalhista todo empenho em aprovar a reforma previdenciária, representando o Vampiro que explora, oprime e suga os direitos da classe trabalhadora.

Figura 11: “Vampiro Neoliberal”



<sup>12</sup>Fonte: Mídia Ninja – *Twitter* (2018)

<sup>11</sup> Disponível em < <https://www.uol/carnaval/especiais/primeiro-dia-de-desfiles-do-carnaval-do-rj.htm> > Acesso em 07 out. 2018

<sup>12</sup> Disponível em < <https://twitter.com/MidiaNINJA/status/965108542922461184> > Acesso em 07 out. 2018



### Repercussão Midiática

A Rede Globo foi a emissora detentora da exclusividade da transmissão em tempo real para todo Brasil e em rede internacional para mais de cem países.

Durante o desfile algumas alas provocaram certo desconforto aos comentaristas. Foi o caso, da ala dos “manifantochotes,” representando manifestantes manipulados pelas grupos midiáticos e a classe dominante, já as alas em que os foliões traziam cartazes de “*Fora Temer*” e “*Foi Golpe*” sequer foram televisionadas.

Entretanto, o momento irrefutável foi no ultimo carro alegórico com destaque intitulado de “Vampiro Neoliberal” com faixa presidencial, fazendo alusão ao presidente Michel Temer. Os três comentaristas ficaram constrangidos em proferir qualquer comentário, até os segundos silenciados, foram motivo de comentários nas redes sociais.

A Paraíso do Tuiuti usufruiu do poder midiático hegemônico, da transmissão em rede nacional e internacional, dos vários profissionais presentes: fotógrafos, radialistas, jornalistas, correspondentes estrangeiros, mídias de redes sociais (*facebook, twitter, snapchat e instagram*) e levou para avenida um desfile que se transformou num grande protesto político que certamente ficará na história do carnaval brasileiro.

Conforme informações da página (Band.Uol), logo após a apresentação a Paraíso do Tuiuti foi assunto mais comentado nas redes sociais no Brasil e segundo no mundo. A projeção que deu continuidade no seguinte 12 de fevereiro de 2018, fez com que a escola alcançasse o primeiro lugar dos *trending topics do twitter*.

Nas redes sociais as manifestações elogiaram a ousadia da escola e do carnavalesco por ter apresentado um desfile com questões políticas, econômicas e sociais tão presentes no cotidiano da sociedade brasileira, muitos manifestantes se sentiram representados, outros elogiaram a figura do vampiro neoliberal.

Figura 12: Ala dos Manifestoches



<sup>13</sup> Fonte:..Site DW (2018)

Figura 13: Ala dos Aprisionados



Fonte:..Site DW (2018)

### Contexto Político

Nessa contextualização política faremos um recorte temporal que pretende apenas recordar as seqüências de fatos ocorridos a partir do primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva:

Em 2003 com aproximadamente 53 milhões votos Luiz Inácio Lula da Silva, ex-sindicalista e ex-metalúrgico, foi eleito presidente do Brasil.

O governo Lula elegeu algumas prioridades como: combate à fome, lançando o programa fome zero, programa bolsa família, assistência as famílias em situação de pobreza ou extrema pobreza, programa de acesso as universidades- (Programa Universidade para Todos- PROUNI)- , minha casa minha vida programa de moradia popular. Essas ações possibilitaram a ascensão social dos brasileiros de classes sociais menos favorecidas.

Em 2007 foi reeleito para segundo mandato estabilizou a inflação, reduziu o índice de desemprego, lançou o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), desenvolvimento de projetos de infraestruturas, ingressou no bloco de países emergentes ([BRICS](#)) e no G-20, teve a descoberta do pré-sal e a promessa do aumento de crescimento econômico no país.

Com apoio de Lula, em 2011 Dilma Rousseff foi eleita a primeira mulher presidenta do Brasil, dando continuidade a política do seu antecessor, manteve os programas de assistência social, enfrentou recessão econômica mundial.

O governo Dilma não conseguiu apoio às pautas propostas no Congresso Nacional, assim a crise econômica abateu a classe trabalhadora. Em junho de 2013 ocorreram manifestações em todo país. A insatisfação popular com o governo Dilma cresceu significativamente nesse período.

<sup>13</sup> Disponível em < <https://www.dw.com/pt-br/brasil-faz-um-de-seus-carnavais-mais-politizados/a-42569307>> Acesso em 07 out. 2018



Nesse cenário político e econômico que o poder hegemônico consolidado com as estruturas do capitalismo financeiro neoliberal, e as forças conservadoras se uniram pela retomada do poder, uma aliança composta pelos poderes: legislativo, judiciário, empresariado nacional e grupos que detém a mídia hegemônica.

Em 2009 acontece a primeira etapa da operação Lava Jato, investigando crimes de lavagem de recursos desviados dos cofres da Petrobrás.

Grupos da mídia hegemônica, aliados a direita partidária apoiaram o Congresso Nacional em sua maioria, demonizaram não só as denúncias de corrupção, nem sempre comprovadas, mas responsabilizaram apenas o Partido dos Trabalhadores pela crise econômica do país, que resultou no episódio do *impeachment* da ex-presidenta Dilma Rouseff em agosto de 2016.

Assim, Michel Temer assume o poder, representando os interesses do capitalismo financeiro neoliberal, nomeia ministros investigados por corrupção, imediatamente dá início as mudanças constitucionais, aprova a PEC 241, que autoriza a congelar os investimentos da saúde e educação por vinte anos, reduz o número de beneficiados de programas sociais, aprova privatizações, desmonte dos direitos trabalhistas e a reforma da previdência que apesar de todos os esforços ainda não foi aprovada.

É nesse cenário que as injustiças do colonialismo brasileiro ressurgem, estavam apenas escondidas, se mostrando ainda mais forte e presente no comportamento ético-político da sociedade brasileira.

### **A materialização da Ecologia dos Saberes**

O Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) releva que no Rio de Janeiro, tem 6.323.037 habitantes, sendo que 1.393.314 vivem nas 763 favelas, ou seja, 22,03%, da população.

O samba enredo expôs as heranças herdadas do Brasil colonial, um país capitalista sustentado em bases estruturais escravocratas pontuou diretamente as condições de vida de grande parte da população brasileira, fazendo uso da referência do Boaventura. Podemos considerar que as favelas, hoje chamadas de “comunidades”, cuja alteração de nomenclatura não se traduz em absolutamente nenhuma mudança da realidade social, são “zonas selvagens”, territórios segregadores abandonados pelo poder público, expostos as condições precárias de sobrevivência, as péssimas condições de moradia, muitas vezes sem acesso a saúde, educação,

transporte público, mercado de trabalho, enfrentamento de um cotidiano marcado pela violência urbana. A citação revela paradigmas sociais totalmente enraizados na sociedade brasileira:

“Tenho descrito esta situação como a ascensão do fascismo social, um social de relações de poder extremamente desiguais que concedem à parte mais forte o poder de veto sobre a vida e o modo de vida da parte mais fraca. Noutra lugar distingi cinco formas de fascismo social. Aqui refiro-me a três delas, as que mais claramente refletem a pressão da lógica de apropriação violência sobre a lógica da regulação emancipação. A primeira forma é o fascismo do apartheid social: Trata-se de segregação social dos excluídos através de uma cartografia urbana divide em zonas selvagens e zonas civilizadas. As zonas selvagens urbanas são as zonas do estado de natureza hobbesiano, zonas de guerra civil interna como em muitas megacidades em todo o Sul global. As zonas civilizadas são as zonas do contrato social e vivem sob a constante ameaça das zonas selvagens. Para se defenderem, transformam-se em castelos neofeudais, os enclaves fortificados que caracterizam as novas formas de segregação urbana (cidades privadas, condomínios fechados, gated communities, como mencionei acima). A divisão entre zonas selvagens e zonas civilizadas está a transformar-se num critério geral da sociabilidade, um novo espaço-tempo hegemônico que atravessa todas as relações sócias econômicas, políticas e culturais e que, por isso, a ação estatal e a ação não estatal.” (SANTOS, 2008 pag.37 )

Ainda utilizando os conceitos do autor, essa população periférica transita nos dois hemisférios são empregadas domésticas, diarista, babás, porteiros ou trabalhadores de nível superior, que quando saem para trabalhar, por exemplo, transitam no hemisfério norte, nos bairros mais elitizados habitados por pessoas consideradas de classe social “superior,” ao final da jornada de trabalho, retornam as suas origens ao hemisfério sul.

A ala cativo social traduziu o cenário desta realidade e questionou os avanços sociais o sentido de liberdade, igualdade de direitos e oportunidades e perguntou “está extinta a escravidão”.

Segundo Boaventura Santos Souza, o colonialismo impôs aos povos colonizados, sua cultura, seus conhecimentos, seus saberes, suas epistemologias colonizou pensamentos, por meio do conhecimento hegemônico, menosprezou saberes ancestrais, promoveu perspectivas redutoras do conhecimento que impede o aparecimento de novas possibilidades epistemológicas.

O colonialismo construído e estruturado nas relações de poder estabelece características de exploração, dominação e extermínio, ações que resultaram na divisão da sociedade em raça, sexo e etnia, quesitos criados para justificar e naturalizar as diferenças e criar estruturas hierarquizantes de um determinado grupo social sobre outro.

Existe, portanto, uma cartografia moderna dual: a cartografia jurídica e a cartografia epistemológica. O outro lado da linha abissal é um universo que se estende para além da legalidade e ilegalidade, para além da verdade e da falsidade. Juntas, estas formas



de negação radical produzem uma ausência radical, a ausência de humanidade, a sub-humanidade moderna. Assim, a exclusão torna-se simultaneamente radical e inexistente, uma vez que seres sub-humanos não são considerados sequer candidatos à exclusão social. A humanidade moderna não se concebe sem uma sub-humanidade moderna. A negação de uma parte da humanidade é sacrificial, na medida em que constitui a condição para outra para a humanidade se afirmar enquanto universal. (SANTOS, 2008 pag. 30)

O fato é que os fatores econômicos provocam o cerceamento da liberdade, da dignidade, da violação de direitos humanos, do direito ao trabalho digno e acesso a educação principalmente das pessoas residem nas periferias brasileiras.

A letra do enredo “*liberte o cativo social*” questionou conceito da palavra “liberdade” e o real significado dessa palavra na contemporaneidade que ainda não foi capaz de promover igualdade racial, social, religiosa, econômica, educacional e cultural.

A ecologia de saberes é assim simultaneamente uma epistemologia da corrente e da contra-corrente. As suas condições de possibilidade são também as da sua dificuldade. O impulso básico para a sua emergência decorre de duas constelações. A primeira é que as resistências ao capitalismo global tem vindo a proliferar na periferia do sistema mundial, num conjunto de sociedades onde a crença na ciência moderna é mais tênue, onde é mais visível a vinculação da ciência moderna aos desígnios da dominação colonial e imperial, e onde outros conhecimentos não científicos e não ocidentais prevalecem nas práticas cotidianas da resistência. A segunda é que nunca foi tão grande a discrepância entre a vitalidade das resistências e a insipiência na execução e consolidação das alternativas. Em termos de práticas de saberes isto significa que as práticas de saber crítico estão menos dominadas pelas práticas hegemônicas da ciência moderna do que as práticas de prospectivo. (SANTOS, 2008 p.156)

Nesse propósito da ecologia dos saberes, que a escola de samba Paraíso do Tuiuti, apresentou um desfile político de resistência e contestação, contando de fato a história do Brasil colonial. A escola levou para avenida muito mais que um desfile de luxo e beleza, aproveitou da visibilidade do maior espetáculo cultural brasileiro, como momento de conscientização e de protesto, abrimos um parentese para conceituar a definição de cultura através de Morin.

Cultura constitui um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estrutura os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas simbólicas (comunicação), trocas mentais de projeção e identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores (os ancestrais, os heróis, os deuses). Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática; ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual evolui sua personalidade. . (Morin, 2002,p.15)

Como dito anteriormente o desfile apresentou um apanhado histórico das antigas civilizações: (Egito, Babilônia, Grécia, Roma, Europa central e os Árabes) relacionada a



contemporaneidade evidenciou o conceito de ancestralidade, seus valores simbólicos, seus cultos, seus deuses e outras informações culturais daquelas civilizações.

Na perspectiva da ecologia dos saberes podemos dizer que o desfile da Paraíso do Tuiuti foi fundamentado com base no projeto de dominação e emancipação frente aos eixos centrais da construção das civilizações modernas: capitalismo, colonialismo e patriarcado. Segundo Boaventura para o desenvolvimento e construção dessa modernidade foi preciso desenvolver a monocultura dos saberes, ou seja, negar, aniquilar e inviabilizar as diferentes formas de ser e ver o mundo, promovendo a idéia do saber hegemônico, um único pensamento, sustentado pelo direito e pelas ciências como principal porta voz do saber, desprezando qualquer outra forma de conhecimento.

A ecologia dos saberes exerce-se pela busca de convergências entre conhecimentos múltiplos. Para haver relações entre saberes são precisas duas condições que, à luz de uma epistemologia monocultural, são aporéticas. A primeira é que está presente ou pode estar presente mais de uma forma de saber. Dada a hegemonia da epistemologia convencional, monocultural, a identificação da presença de vários saberes obriga a que a nível epistemológico, se proceda ao que, a nível sociológico, designo por sociologia das ausências e das emergências. Trata-se, por um lado, de averiguar em que medida a ausência de outros saberes é o resultado de uma ocultação produzida pela epistemologia que consagra o conhecimento hegemônico como único. Trata-se, por outro lado, de averiguar e ampliar os sinais de saberes apenas emergentes nas práticas de saberes. (Boaventura, pg.161,2006)

Para enfrentar esse paradigma é preciso fortalecimento das lutas sociais nas suas mais variadas representações, diversidade e expressões. É preciso conquistar espaços para que possam pensar ecologia de saberes como possibilidade de transição civilizatória, de forma autônoma reconstruir o conhecimento das múltiplas formas de ser, pensar e saber.

Segundo Boaventura é preciso identificar na natureza a força adormecida, pois cada saber tem sua própria epistemologia pessoal, portanto é preciso construir diálogos horizontais como espaços de interação entre grupos sociais onde saberes tradicionais possam efetivamente contribuir para criação dos processos de alteração da realidade social.

### **Considerações Finais**

O desfile da escola Paraíso do Tuiuti mostrou que os problemas econômicos políticos e sociais que acometem a sociedade brasileira são reflexos do Brasil colonial, período da escravidão, dos africanos escravizados comercializados como mercadoria expostos as condições de sobrevivência desumanas e degradantes.



Atualizando esse contexto diante do atual cenário político, econômico e social a escola denuncia que não ocorreram grandes avanços pós abolição da escravatura, principalmente para população negra e periférica no Brasil.

Vítimas de preconceitos racial, religioso e cultural, são também as maiores vítimas da violência urbana. Somente no Rio de Janeiro, em 2015, das 644 pessoas mortas em confrontos com a polícia, 497 (77,2%) eram negras ou pardas, segundo (Instituto de Segurança Pública - ISP).

No primeiro trimestre de 2018, dos 13,7 milhões de desempregados no país os pardos eram 52,6% e os pretos, 11,6%, somando 64,2% (IBGE). Quanto aos rendimentos os negros receberam, em média, 67,8% do rendimento dos não negros na região metropolitana de São Paulo (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos-DIEESE 2013).

Do ponto vista da ecologia dos saberes, o desfile da escola Paraíso do Tuiuti, vez um desfile onde foi porta voz de vários grupos sociais: da comunidade quilombola estima-se a existência de 130 mil famílias quilombolas no Brasil (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas- CONAQ), comunidade negra, os moradores das periferias, dos movimentos sem teto, sem terra, os excluídos e toda classe trabalhadora urbana e rural.

Todos esses seguimentos sociais que haviam conquistado alguma ascensão na escala social, nos últimos 12 anos, diante do atual governo e suas políticas econômicas vivem um momento de total retrocesso.

Entretanto, como aspecto positivo a escola de samba como espaço cultural democrático, que acolhe qualquer cidadão independente das condições econômicas e sociais e mantém uma proximidade com a população do território onde está localizada.

Promoveu um desfile extremamente significativo e um enredo capaz de provocar reflexões sobre os aspectos econômicos e sociais na sociedade, nos participantes, na mídia no alcance midiático que teve, sobretudo na classe política, mas principalmente resgatando a escola de samba como espaço do povo, espaço de protesto e contestação.

## **Referências**



DIEESE (Org.). **Os Negros no Trabalho**. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/analiseped/2013/2013pednegrosmetEspecial.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2018.

EM ENTREVISTA à ONU Mulheres, líderes quilombolas falam sobre supressão de direitos e resistência. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/em-entrevista-onu-mulheres-lideres-quilombolas-falam-sobre-supressao-de-direitos-e-resistencia/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

GORZONI, Priscila. **As Máscaras Africanas**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mascaras-africanas/>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 07 out. 2018

MORIN, Edgar. **Culturas de massas no século XX: Neurose** – 9º ed. – Rio de Janeiro: Forense Univertária. 2002. Traduzido por Maura Ribeiro Sardinha.

NEGROS são 77% dos mortos pela polícia do Rio em 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/negros-sao-77-dos-mortos-pela-policia-do-rio-em-2015/>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

PARAÍSO do Tuiuti 2018: veja fotos dos carros alegóricos. Disponível em: <<http://www.srzd.com/carnaval/rio-de-janeiro/paraiso-do-tuiuti-2018-fotos-carros-alegoricos/>>. Acesso em: 01 abr. 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São. Paulo; Editora Cortez. 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez. 2010.



TESI, Romulo. **Tuiuti se torna o 2º assunto mais comentado no Twitter no mundo após desfile histórico.** Disponível em: <<https://setor1.band.uol.com.br/tuiuti-fica-em-2o-lugar-nos-trending-topics-mundial-do-twitter-apos-desfile-historico/>>. Acesso em: 15 maio 2018.